

---

## O comportamento dos consumidores e dos preços da cesta básica em São Miguel do Oeste, Guaraciaba e Maravilha – SC

---

Leandro Tiago Sperotto\*  
Marielli Irene Teixeira\*\*  
Rosimara Zanella\*\*\*

---

### Resumo

O objetivo deste estudo é mostrar os hábitos de consumo regional e também o comportamento dos preços dos produtos que atendem a estes hábitos. A pesquisa sobre o comportamento dos consumidores e dos preços da cesta básica foi desenvolvida pelo professor Leandro Tiago Sperotto e pelas acadêmicas Marielli Teixeira e Rosimara Zanella da Unoesc, que acompanharam no período de maio a dezembro de 2006, os hábitos alimentares das famílias residentes nos municípios de São Miguel do Oeste, Guaraciaba e Maravilha. A primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação de um formulário para cem famílias urbanas de classe média, com quatro integrantes, com o intuito de identificar os hábitos de consumo. Com os dados das quantidades e variedades de produtos consumidos foi estruturada uma tabela de itens. Com esta tabela, mensalmente, foram visitados supermercados onde foram realizadas as pesquisas de gôndola, com levantamento de preços praticados, que culminaram, mensalmente, no custo total da cesta de consumo (ou cesta básica). Durante o período da pesquisa, o custo da cesta oscilou pouco e permeou entre R\$ 600,00, aproximadamente 50% da renda das famílias pesquisadas. Muitas considerações foram discutidas pelos pesquisadores, os quais concluem que cada região pode construir a sua própria cesta básica, específica de acordo com os hábitos dos habitantes do local. Além disso, mantiveram contato com pesquisadores de outras universidades, a fim de trocar informações acerca do tema. Com isso, formaram uma rede de contatos, a qual denominou Rede de Cestas Básicas. A pesquisa foi de interesse regional, pois contribuiu para o desenvolvimento educacional-financeiro da comunidade que acompanhou, mensalmente, a pesquisa por meio da divulgação na rádio e jornal.

Palavras-chave: Hábitos de Consumo. Cesta Básica. Microeconomia.

---

\* Doutorando em Gestão e Liderança; mestre em Economia; professor da Unoesc *Campus* de São Miguel do Oeste – SC; leandro@unoescsmo.edu.br

\*\* Acadêmica dos cursos de Desenvolvimento Regional e Agronegócios da Unoesc; pesquisadora voluntária do projeto de pesquisa; marielliteixeira@yahoo.com.br

\*\*\* Acadêmica dos cursos de Agronegócios e Desenvolvimento Regional da Unoesc; pesquisadora do Fundo de Amparo à Pesquisa (Fape); rosizabella@yahoo.com.br

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo, resultado de uma pesquisa de iniciação científica, fará uma dissertação sobre os hábitos de consumo regional e, também, o comportamento dos preços dos produtos que atendem a estes hábitos. O estudo foi realizado no período de maio a dezembro de 2006, na cidade de São Miguel do Oeste – SC, pelo professor Leandro Tiago Sperotto e pelas acadêmicas da Unoesc, Marielli Teixeira e Rosimara Zanella. A pesquisa intitulada como “O comportamento dos consumidores e dos preços da cesta básica” apresentou como problema: qual o comportamento dos consumidores e dos preços da cesta básica na cidade de São Miguel do Oeste? Para responder a esta questão, foi elaborado um projeto de estudo – financiado pela Unoesc – que tinha como objetivo geral fazer um levantamento dos hábitos de consumo e do custo da cesta básica na cidade de São Miguel do Oeste. Para sustentar este objetivo geral, foram elaborados como objetivos específicos: construir um referencial teórico que delimitasse a pesquisa; identificar quais eram os hábitos de consumo das famílias da cidade; constatar, periodicamente, o custo de uma cesta básica para essas famílias; calcular a renda mínima necessária para suprir as necessidades de consumo da cesta; comparar a cesta básica de São Miguel do Oeste com a cesta básica oficial do Brasil; publicar, mensalmente, os resultados para a região.

Efetivamente, esta pesquisa foi realizada da seguinte forma: primeiro, aplicou-se um formulário em cem famílias; estas precisariam ser urbanas e ter quatro integrantes, para as quais eram realizadas perguntas sobre os hábitos de consumo, não apenas de alimentos, mas de outros produtos do dia-a-dia. Além disso, constatou-se que as famílias pesquisadas tinham – em média – uma renda de R\$ 1.200,00, o que permite enquadrá-las na classe média. Depois de tabuladas todas as questões, gerou-se, então, uma planilha com os itens consumidos em um mês. Além da variedade de produtos, também foram levantadas as quantidades. Assim, foi possível, com a planilha pré-elaborada, fazer a pesquisa de gôndola, em que foram pesquisados os produtos nos três maiores supermercados da cidade. Esta pesquisa de gôndola foi realizada, mensalmente, durante todo o período do estudo.

Após a pesquisa de campo, eram feitas as tabulações em que, além dos custos dos produtos, calculava-se a renda necessária para adquiri-los. Análises mais aprofundadas sobre a pesquisa serão delineadas no decorrer deste artigo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Pindyck (2002), a satisfação de um consumidor baseia-se na premissa de que as pessoas se comportam de modo racional na tentativa de maximizar o grau de satisfação que podem obter por meio da aquisição de uma combinação particular de bens e serviços. Ele ainda afirma que os consumidores fazem escolhas por meio da comparação entre cestas de mercado ou pacotes de mercadorias.

Para Pindyck (2002), dentre as variáveis econômicas reconhecidamente fundamentais em qualquer corrente de pensamento econômico, os preços ocupam um dos primeiros lugares. O preço é a variável de maior importância do ponto de vista dos agentes, tanto em seu agregado (o nível de preços geral) quanto individualmente (o preço específico de um bem ou serviço). Daí a grande importância intrínseca às informações relativas aos preços da economia, tanto pelo lado das unidades familiares (funções relativas à demanda, como consumo, por exemplo) quanto pelo lado das unidades produtoras (funções relativas à oferta, como a produção, por exemplo).

Dentre as informações relativas aos preços de um sistema econômico, uma forma se sobressai em virtude de sua extrema importância, abrangência e versatilidade; trata-se da cesta básica. Sua importância reside no fato de mostrar claramente tanto em ponto isolado do tempo quanto em toda uma linha temporal o índice de despesas para a aquisição de um “pacote” de bens e serviços.

A construção de uma cesta básica e o acompanhamento de sua trajetória no tempo é uma forma extremamente sofisticada de aumentar a transparência do sistema não só para os usuários dos bens e serviços relacionados, mas para todo o conjunto de agentes econômicos, em especial, aos ofertantes (vendedores, empresários, produtores rurais entre outros).

Inicialmente, é importante explicitar o que vem a ser uma cesta básica e a sua aplicabilidade. Cesta

básica é um termo genérico utilizado para designar um conjunto de bens, incluindo gêneros alimentícios e produtos de higiene pessoal e de limpeza, suficientes para determinada família pelo período de um mês. Não existe uma cesta básica padrão. Daí, que cada estado, cada instituição, oficial ou não, pode criar a sua cesta básica.

Quanto à definição de cesta básica, Maluf (2000) entende que, diante da evolução do consumo de alimentos, torna-se necessário rever a noção de produtos básicos. É comum atribuir a esta noção um sentido amplo. Seriam básicos os produtos de uso generalizado, considerados essenciais à reprodução de um padrão alimentar, aceitos como expressão da cultura popular, e que teriam pouco ou nenhum grau de elaboração ou transformação. No caso do Brasil, ilustram bem esse fato o arroz, o feijão e a farinha de mandioca.

Maluf (2000), ao sinalizar a necessidade de rever a noção de produtos básicos, aponta para a redefinição de três dimensões:

- a) as circunstâncias da vida contemporânea e os impactos dos mecanismos de propaganda têm modificado as formas de aquisição e de consumo dos alimentos e a própria composição da cesta de compras;
- b) as crescentes preocupações quanto à adequação nutricional do consumo de certos alimentos levam a questionamentos sobre a essencialidade de produtos presentes nos hábitos de consumo dos vários setores sociais;

- c) a identificação entre produtos básicos e não-elaborados aplica-se apenas às estatísticas que visam diferenciar os produtos de origem agropecuária, segundo os diferentes graus de elaboração.

A cesta básica oficial em uso no país, ainda, é aquela definida pelo Decreto-lei nº 399 que criou o salário mínimo, em 1939. Maluf lembra que a sua composição nutricional refletia um tipo de população com pouca correspondência com o mundo atual, o que a torna inadequada para cumprir a função de monitorar o salário mínimo.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese (2005), para estabelecer os itens que compõem a cesta, foram feitos estudos censitários em diferentes localidades e coletadas informações salariais com as empresas das várias regiões do país por meio das Comissões de Salários Mínimo, instituídas pela Lei nº 185, de 14 de janeiro de 1936. Esses estudos, além de definirem os valores mínimos regionais a serem pagos aos trabalhadores por região do país, fixaram a ração essencial mínima por região, conforme Tabela 1.

O Dieese (2005) realiza, em dezesseis capitais brasileiras, a pesquisa Cesta Básica Nacional, acompanhando a evolução mensal dos preços de treze produtos de alimentação, assim como o gasto mensal que um trabalhador teria para comprá-los. Outro dado da pesquisa diz respeito às horas de trabalho necessárias ao indivíduo que ganha salário mínimo para adquirir esses bens.

Tabela 1: Ração essencial mínima, estipulada pelo Decreto-lei 399 de 1930

Alimentos	Região 1	Região 2	Região 3	Nacional
Carne	6 kg	4,5 kg	6,6 kg	6 kg
Leite	7,5 L	6 L	7,5 L	15 L
Feijão	4,5 kg	4,5 kg	4,5 kg	4,5 kg
Arroz	3 kg	3,6 kg	3 kg	3 kg
Farinha	1,5 kg	3 kg	1,5 kg	1,5 kg
Batata	6 kg	-	6 kg	6 kg
Legumes (tomate)	9 kg	12 kg	9 kg	9 kg
Pão francês	6 kg	6 kg	6 kg	6 kg
Cafê em pó	600 g	300 g	600 g	600 g
Frutas (banana)	90 un.	90 un.	90 un.	90 un.
Açúcar	3 kg	3 kg	3 kg	3 kg
Banha / óleo	750 g	750 g	900 g	1,5 kg
Manteiga	750 g	750 g	750 g	900 g

Fonte: baseado em Dieese (2005).

Nota: **Região 1** – Região Sudeste, Goiás e Distrito Federal; **Região 2** – Regiões Nordeste e Norte; **Região 3** – Região Sul, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; **Nacional** – Cesta média nacional.

Tabela 2: Componentes da cesta básica com suas quantidades e pesos, e quanto o preço do produto interfere no valor total da cesta (em média)

Produtos	Quantidade	Peso histórico em (%)
<b>Alimentação</b>		<b>78,09</b>
Arroz – tipo 2 (pc. 5 kg)	3	8,22
Feijão (pc. 1 kg)	4	2,66
Açúcar (pc. 5 kg)	2	1,53
Cafê (pc. 500 g)	3	6,29
Farinha de trigo (pc. 1 kg)	3	1,85
Farinha de mandioca (500 g)	1	0,59
Batata (1 kg)	4	1,21
Cebola (1 kg)	1	0,48
Alho (1 kg)	0,2	1,96
Ovos (dúzia)	3	2,87
Margarina (250 g)	4	1,71
Extrato de tomate (370 g)	2	1,92
Óleo de soja (900 mL)	5	3,19
Leite em pó (450 g)	3	5,88
Macarrão (pc. 500 g)	4	2,83
Biscoito maizena (pc. 200 g)	4	2,32
Carne de primeira (1 kg)	3	10,14
Carne de segunda (1 kg)	4	7,65
Frango resfriado inteiro (1 kg)	5	9,22
Salsicha avulsa (1 kg)	0,5	2,21
Lingüiça fresca (1 kg)	0,3	1,45
Queijo mussarela fatiado (1 kg)	0,5	1,85
<b>Limpeza Doméstica</b>		<b>11,19</b>
Sabão em pó (800 g)	4	4,81
Sabão em barra (un.)	15	4,32
Água sanitária (1 L)	2	1,08
Detergente (500 mL)	2	0,99
<b>Produtos de Higiene</b>		<b>10,72</b>
Papel higiênico (pc. 4 un.)	3	3,20
Creme dental (tubo 50 g)	4	1,81
Sabonete (90 g)	10	2,02
Desodorante spray (100 mL)	2	1,29

Fonte: Procon (2005).

A metodologia que o Dieese (2005) utiliza para a pesquisa da Cesta Básica Nacional foi estabelecida com base no Decreto-lei n° 399, que regulamenta o salário mínimo. A coleta dos preços é feita uma vez por mês em estabelecimentos definidos por uma amostra.

Em dezembro de 1989, o Dieese/Procon iniciou o Projeto Cesta Básica Diária, adotando uma coleta diária de preços e marcas dos produtos de uma cesta elaborada com base no consumo de uma família paulistana padrão, conforme Tabela 2.

A cesta básica foi definida a partir dos hábitos de uma família de quatro pessoas, com renda média de 10,3 salários mínimos, que compra em supermercados alimentos, material de limpeza doméstica e higiene pessoal. Isso resultou na definição de trinta e um produtos: vinte e dois de alimentação, quatro de limpeza doméstica e cinco de higiene pessoal, levando-se em consideração, também, as quantidades.

O valor da cesta é calculado a partir da média dos preços mínimos praticados, em cada um dos supermercados pesquisados, independente de marca ou tipo, considerando-se as quantidades de consumo ideal para cada item. (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS, 2005).

Após uma definição rápida do que é uma cesta básica e, quebrado o paradigma de que uma cesta básica pode ser montada de acordo com os objetivos da pesquisa, é necessário, também, esclarecer o que é inflação e o que ela tem a ver com a cesta básica.

De acordo com Sandroni (2002), inflação é um aumento persistente dos preços em geral; fato que resulta uma contínua perda do poder aquisitivo da moeda. Também pode ser definida como um inchaço nos preços em uma economia. Os movimentos inflacionários representam elevações em todos os bens produzidos pela economia, e não o aumento de um determinado preço. O fenômeno inflação exige a elevação contínua dos preços durante um determinado período de tempo.

A inflação é medida pela variação dos índices de preços. Estes permitem calcular a média da variação relativa dos preços de um conjunto de bens e serviços em uma seqüência de períodos de tempo. Dessa forma, quanto maior for a proporção da renda gasta com um produto ou serviço, maior será o impacto no índice.

Esses índices de preços expressam o custo atual de uma cesta de bens com uma porcentagem do custo dessa cesta no período base. Existem vários tipos de inflação, entre eles destacam-se:

- a) Inflação de demanda – em economias emergentes, os governos investem muito em infra-estrutura. Esses altos investimentos, geralmente maiores que as receitas, provocam

constantes déficits públicos, desequilibrando o orçamento público, ou seja, muito dinheiro e poucos bens.

- b) Inflação de custos – vários são os fatores que podem gerar inflação, tais como: aumento nos preços de insumos importantes na economia, como petróleo e energia elétrica; aumento expressivo dos salários de determinada categoria, não compensados por aumento na produtividade; ação dos oligopólios que, mesmo em um ambiente de crise econômica com redução da demanda agregada e conseqüente queda de produção, procuram aumentar a margem de lucro para manter suas receitas. Dessa forma, ocorre o processo inflacionário acompanhado da queda de produção e do nível de emprego. A inflação com estagnação econômica é a estagflação.
- c) Inflação estrutural – os setores que produzem bens com baixa renda têm dificuldade em aumentar a produção como resposta às variações da demanda. Por exemplo, o setor agrícola não consegue produzir os bens necessários para acompanhar o crescimento da demanda nas economias em desenvolvimento, alimentado pela industrialização, pelo crescimento demográfico e pelo êxodo rural.

- d) Inflação inercial – esta inflação surge das expectativas inflacionárias. Os agentes econômicos acreditam que o processo inflacionário continuará no futuro apenas pelo fato de ter existido no passado. Isso é a chamada cultura inflacionária.

É mister registrar que uma cesta de bens é composta por vários bens, entre eles: alimentos, educação, saúde, etc. Então, a cesta básica de alimentos e de produtos domésticos não determina (e não é determinada) pela inflação, pois é necessário outros índices, conforme foi ressaltado.

### 3 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS PESQUISADOS

#### 3.1 ANÁLISES HORIZONTAIS E VERTICAIS

##### 3.1.1 Os hábitos de consumo

Das cem famílias pesquisadas, constatou-se que entre as principais despesas mensais, o maior gasto delas é com alimentação; em segundo lugar, está o desembolso com o telefone; na terceira posição, encontram-se os produtos de higiene pessoal e limpeza. Além disso, verificou-se que energia elétrica e água são os outros segmentos em que as famílias mais depositam suas rendas.

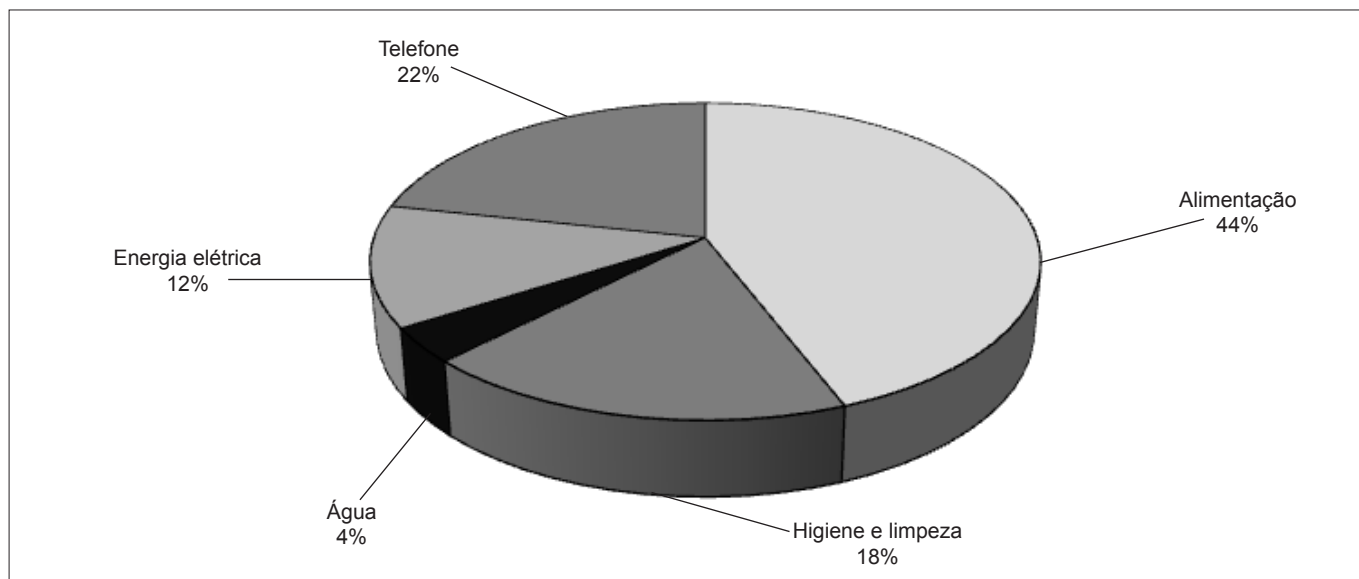


Gráfico 1: Gastos sobre a renda média das famílias de São Miguel do Oeste

Fonte: dados primários (abr. 2006).

No formulário, perguntou-se – entre outras questões – sobre a preferência das pessoas em realizarem um rancho mensal, ou adquirirem os produtos aos poucos, (semanalmente ou conforme as necessidades) e a frequência que exercem as duas formas de compra. Constatou-se que 46% das famílias fazem o rancho mensal, enquanto que as demais preferem fazer as compras de forma parcelada para aproveitar o frescor dos produtos.

Quanto à preferência das famílias por realizarem rancho mensal, a justificativa é em relação ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho; fato que faz com que as compras sejam realizadas uma vez ao mês, já que as mães não dispõem de tempo.

Sobre os hábitos de consumo nas principais refeições, constatou-se que todos os entrevistados realizam o almoço em casa, com uma mesa farta em quantidades e qualidades de alimentos, estes ricos em carnes, grãos e massas.

Para melhor conhecimento dos hábitos de consumo das famílias, houve o questionamento sobre – além do café-da-manhã e do almoço – a forma de alimentação no período da noite que a família costuma fazer. Nesse sentido, a maioria (72 famílias) relatou se alimentar na forma de café (pão, derivados de leite, café entre outros itens). Os entrevistados que possuem tal tipo de alimentação afirmaram que isso ocorre por julgarem ser uma refeição mais adequada para o período noturno.

As demais vinte e oito famílias relataram costumar fazer uma alimentação baseada no almoço do meio-dia, com base em carnes, feijão, massas entre outros itens. Essas famílias declararam exercer trabalhos braçais durante o dia e, com isso, sentem necessidade de uma alimentação com maiores substâncias alimentares, ricas em sais minerais e vitaminas.

Outra informação considerada relevante foi a grande quantidade de carne consumida no período de um mês. Esta foi calculada a partir da quantidade necessária para suprir a demanda do grupo familiar, levando-se em consideração o churrasco de finais de semana, na devida frequência de realização em que a família está habituada a preparar.

A carne de gado apresenta maior consumo, seguida pela de frango e, em terceira posição, a de suíno. O consumo em quilos de carne de frango por

churrasco é de 1 kg, de gado é de 5 kg e de suíno, 1,66 kg, totalizando 8 kg desse alimento. Caso seja feita uma média, observa-se que o consumo de carne é de 2 kg por pessoa, mas deve-se levar em consideração o grande desperdício desse alimento, pois dificilmente as sobras são reaproveitadas na totalidade (além disso, os ossos são pesados como parte da carne).

Mensalmente, o total sobre o consumo em quilos do alimento ficou assim contabilizado: 11,5 kg de carne de gado, 8 kg de frango e, aproximadamente, 4 kg de suíno. A quantidade de carne consumida por família é de 23,5 kg ao mês (não existe na literatura alguma civilização que consome tanta carne por pessoa como a sociedade atual). Outros tipos de carne, como peixes, ovelha e outros não tiveram consumo significativo relatado pelas famílias.

A formação da lista de produtos consumidos durante o mês foi dividida conforme os segmentos:

- a) alimentos *in natura* (verduras, frutas e legumes);
- b) alimentos industrializados (açúcar, farinha, massas, etc.);
- c) alimentos semi-industrializados (carnes e laticínios);
- d) higiene e limpeza (sabonetes, detergentes, etc.);
- e) outros que possuem componentes de segunda utilidade (iogurtes, enlatados, etc.).

A disposição dos segmentos dentro do total da cesta está relacionada no Gráfico 2.

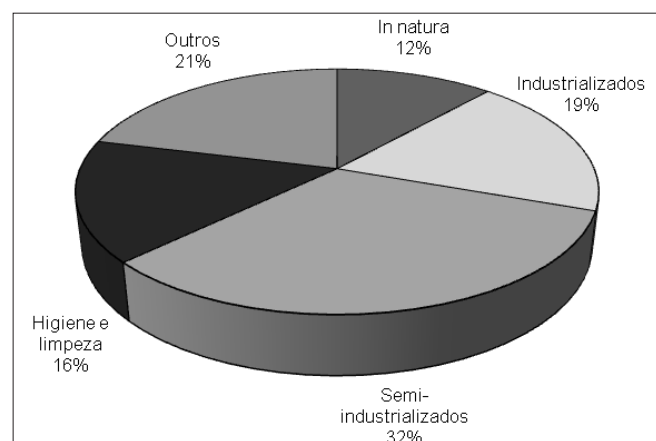


Gráfico 2: Porcentagem dos segmentos no total da cesta de consumo de São Miguel do Oeste

Fonte: dados primários (2006).

### 3.1.2 O comportamento dos preços

Feita uma análise da evolução dos preços no período da pesquisa, constatou-se que o valor a ser desembolsado para aquisição da cesta de consumo oscilou com tendência de queda de maio a dezembro. Em uma análise horizontal entre os dados da pesquisa, verificou-se que de maio a dezembro, geralmente, a cesta teve reduções percentuais nos preços.

Em uma análise vertical dos dados pesquisados, constata-se que o segmento de higiene e limpeza apresentou as maiores alterações de preços ao representar uma diminuição de R\$ 25,00 nesse período.

O segmento de alimentos *in natura*, de maio a dezembro, sofreu uma variação nos preços dos produtos que integram esse grupo de (-11%); a principal queda de preço foi analisada na beterraba com (-49%).

Os alimentos industrializados tiveram, no período de maio a dezembro, uma evolução nos preços dos produtos de (-7%). O item que apresentou a maior modificação no custo foi o chocolate em pó, com uma queda de (-52%) do custo do produto exercido no mês de maio.

Os semi-industrializados da primeira pesquisa realizada, no mês de maio até o mês de dezembro, contabilizaram uma queda no valor de (-7%). O produto que mais obteve destaque na diminuição de preço foi a carne de frango com (-22%).

De maio a dezembro, o segmento de higiene e limpeza apresentou a maior proporção na alteração nos preços dos produtos. Nesse período, esses segmentos tiveram uma queda no valor a ser desembolsado pelo consumidor de (-26%). O principal item responsável por essa alteração no preço dos produtos no supermercado foi o desinfetante com (-60%).

Os produtos do grupo de higiene tiveram uma redução geral nos preços de maio a dezembro. No mês de maio, gastava-se 7,6% do valor total da cesta de consumo com os itens de higiene. Em dezembro, esses itens são responsáveis pela proporção de 5,5% do custo total da cesta de consumo pesquisada.

O segmento outros registrou uma queda de (-19%) no período de maio a dezembro. O item que contabilizou a maior alteração média nas despesas nesse período foi o biscoito caseiro, com uma involução nos preços de (-50%), e o salame com uma involução de (-27%).

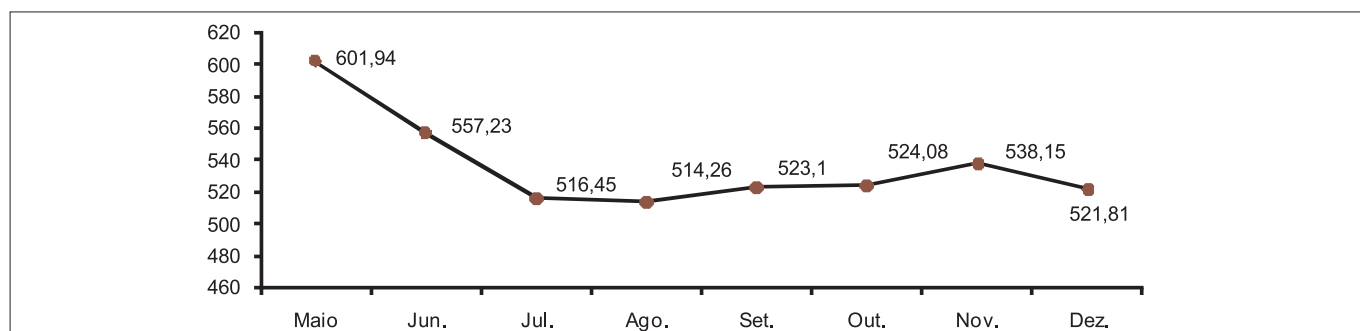


Gráfico 3: Dinâmica dos preços da cesta de consumo de São Miguel do Oeste

Fonte: dados primários (2006).

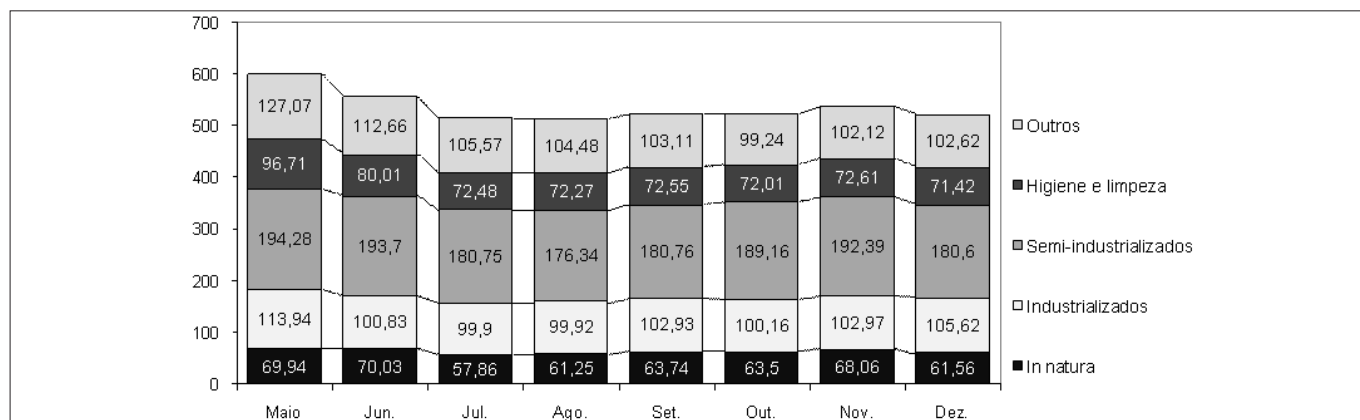


Gráfico 4: Custos por segmentos na cesta de consumo de São Miguel do Oeste

Fonte: dados primários (2006).

Tabela 3: Custos por segmentos na cesta de consumo de São Miguel do Oeste

	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Segmento</b>	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
<i>In natura</i>	69,94	70,03	57,86	61,25	63,74	63,5	68,06	61,56
Industrializados	113,94	100,83	99,9	99,92	102,93	100,16	102,97	105,62
Semi-industrializados	194,28	193,7	180,75	176,34	180,76	189,16	192,39	180,6
Higiene e limpeza	96,71	80,01	72,48	72,27	72,55	72,01	72,61	71,42
Outros	127,07	112,66	105,57	104,48	103,11	99,24	102,12	102,62
<b>Total</b>	<b>601,94</b>	<b>557,23</b>	<b>516,45</b>	<b>514,26</b>	<b>523,1</b>	<b>524,08</b>	<b>538,15</b>	<b>521,81</b>

Fonte: dados primários (2006).

### 3.2 ANÁLISE TRANSVERSAL

Com o propósito de comparar, ou melhor, fazer uma análise transversal nos preços dos produtos da cesta básica elaborada pelas pesquisas com outras cestas, foram realizadas duas estratégias: a primeira consistia em usar a mesma metodologia de pesquisa e aplicar em cidades da região Extremo-Oeste catarinense; posteriormente, procurou-se entrar em contato com outros pesquisadores de cesta básica de outras instituições do Brasil.

No caso da primeira estratégia, só foi possível aplicar a pesquisa nas cidades de Guaraciaba e Maravilha. Na segunda estratégia, contatou-se com dezenas de instituições de ensino (universidades e faculdades) do Brasil. Muitas respostas foram obtidas, mas como as cestas básicas de cada instituição eram diferentes, não foi possível fazer uma análise transversal da qualidade, fato relevante para ser apresentado neste artigo.

#### 3.2.1 Análise da Cesta de Guaraciaba

Paralelamente à pesquisa da cesta básica feita em São Miguel do Oeste, também realizou-se um

estudo semelhante no município de Guaraciaba – SC. Esta pesquisa também é coordenada pelo pesquisador Leandro Sperotto e tem como bolsista a acadêmica Elisete Simioni, financiada pelo Projeto Mérito Universitário (Fapesc).

Em Guaraciaba, no mês de dezembro de 2006, os componentes da cesta básica poderiam ser adquiridos por R\$ 490,85, sofrendo uma involução em seu total de 0,98% no período de novembro a dezembro, e uma evolução de 5,47% de junho a dezembro. Constatou-se, também, que o seu valor total vem baixando nos últimos meses.

Do total a ser desembolsado na cesta básica pelos consumidores de Guaraciaba, o segmento de alimentos *in natura* representava 13% (R\$ 62,37); os alimentos industrializados indicavam 22% (R\$108,00); o segmento de alimentos semi-industrializados, 32% (R\$ 156,60); de higiene e limpeza, 15% (R\$ 74,24) e o segmento outros é responsável por 18% (R\$ 89,68) das despesas gastas pelas famílias na cesta básica. Esse percentual está muito próximo ao de São Miguel do Oeste e de Maravilha.

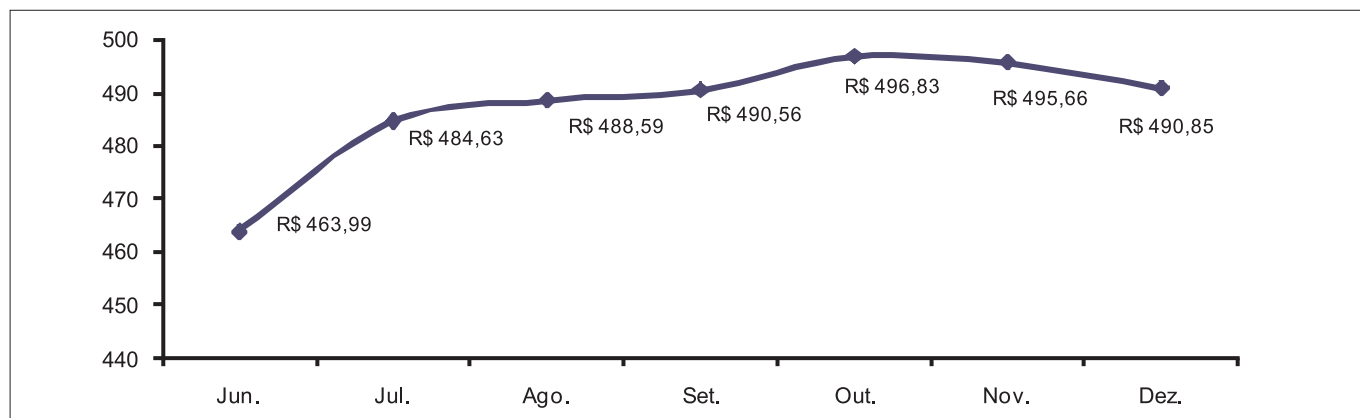


Gráfico 5: Evolução percentual dos preços da cesta de consumo de Guaraciaba

Fonte: dados primários (2006).



### 3.2.2 Análise da Cesta de Maravilha

Ainda em dezembro de 2006, foram visitados alguns supermercados da cidade de Maravilha – SC para fazer o levantamento dos preços da cesta básica do município. Para elaborar a tabela de itens e quantidades, foi utilizada a mesma lista elaborada a partir dos hábitos de consumo das famílias de São Miguel do Oeste.

Em Maravilha, do total a ser desembolsado na cesta básica pelos consumidores de Maravilha, o segmento de alimentos *in natura* representava 14% (R\$ 78,89); o segmento de alimentos industrializados, 20% (R\$ 111,32); os alimentos semi-industrializados indicavam 34% (R\$ 198,24); o segmento de higiene e limpeza, 14% (R\$ 74,24) e o segmento outros é responsável por 16% (R\$ 85,10) das despesas gastas pelas famílias na cesta básica. Esse percentual está muito próximo da participação de São Miguel do Oeste e de Guaraciaba.

O custo da cesta de consumo em Maravilha é mais elevado que a de São Miguel do Oeste, pois nessa cidade, no mês de dezembro, a cesta custava R\$ 521,81; já em Maravilha, o desembolso equivale a R\$ 554,63. A diferença entre os preços das duas cidades é de 6%. Por essa diferença entre os valores, destaca-se o segmento de alimentos *in natura*. Este apresenta diferença de 21% nos preços dos produtos nos supermercados de São Miguel do Oeste para Maravilha.

## 4 CONCLUSÃO

A pesquisa estruturou um material muito rico em informações que demonstraram os hábitos de consumo das famílias das cidades de São Miguel do Oeste e Maravilha, bem como o comportamento dos preços da cesta de consumo exercidos em cada supermercado.

Foi constatado que, não necessariamente, a cesta básica determinada pelo governo de 1930 satisfaz as necessidades básicas das pessoas e precisa ser seguida em todas as regiões.

O conceito do que é básico modificou-se muito, principalmente com a saída das mulheres de casa para o mercado de trabalho, uma vez que todas as pessoas procuram alimentos de rápido preparo e saudáveis.

Com isso, e a partir da afirmação de Maluf (2000), podemos afirmar que cada região pode – a partir de uma pesquisa sobre os padrões e hábitos de consumo da população – construir uma lista de itens básicos para satisfazer as necessidades de tais bens, ou seja, a cesta básica regional.

Na região, consome-se muita carne (não se encontrou na literatura alguma região onde uma população consome mais carne do que a pesquisada). Outro consumo considerado “fora dos padrões” diz respeito ao consumo de refrigerantes e leite, pois a mesma proporção de refrigerante consumida é a de leite (em média 20 litros de cada item mencionado por mês). Como essa região se intitula “uma das maiores e

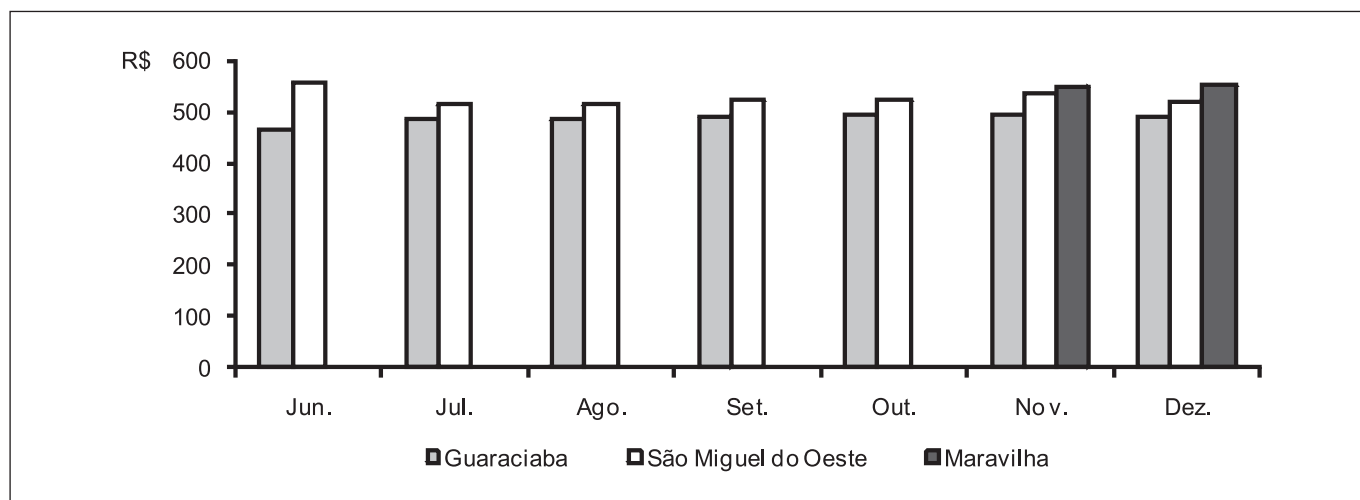


Gráfico 6: Comparativo da evolução percentual dos preços da cesta de consumo de Guaraciaba, São Miguel do Oeste e Maravilha

Fonte: dados primários (2006).

melhores bacias leiteiras do país”, é possível refletir que se a região é tão boa na produção de leite, seus habitantes deveriam incentivar a demanda, preferindo o leite saudável a refrigerantes artificiais.

O custo da cesta de consumo pesquisada mensalmente nos supermercados demonstrou que os itens possuem um custo mais alto em São Miguel do Oeste, comparando-se com o município de Guaraciaba, e mais baixos em relação ao município de Maravilha.

Durante o período de maio a dezembro de 2006, foram registradas oscilações em todos os segmentos que integram a cesta de consumo de São Miguel do Oeste. Nesse sentido, o segmento de higiene e limpeza registrou as maiores variações de custo nesse período. Por outro lado, os segmentos alimentares *in natura* e industrializados sofreram as menores alterações de custo no período.

Foi possível analisar que no período de maio a agosto, a cesta obteve uma diminuição média nos preços de 14%, motivada por fatores econômicos, bem como pelo ajustamento sazonal dos preços conforme as safras agrícolas.

No período de agosto a novembro, a cesta apresentou uma alteração mensal em torno de 2% ao mês, sempre registrando evolução nos preços. Porém, no mês de dezembro, observou-se uma diminuição de 3% no desembolso a ser pago pelo conjunto de itens básicos.

Esses comportamentos evidenciaram que durante um período de realização dos trabalhos, os preços demonstraram involuções acentuadas, mas que foram recuperados parcialmente durante três meses consecutivos, acumulando um somatório de 6%. No mês de dezembro, previa-se um aumento superior a 2% que não se confirmou em virtude de alguns fatores econômicos, como supersafra e, também, uma contenção de consumo por parte da população regional e, ainda, uma guerra de preços provocada pelos supermercadistas, com queima de estoques para efetivação dos balanços de final de ano.

Na maioria dos meses de realização da coleta dos preços nas gôndolas dos supermercados, foi verificado que entre 40 a 60% da renda das famílias (aproximadamente R\$ 1.200,00) era gasta com a lista de itens, restando apenas a outra metade para satisfazer as demais demandas que a família possui, como educação, bem estar, saúde, etc.

Comparando a cesta de consumo de São Miguel do Oeste com a cesta oficial do país, averiguou-se que a cesta específica do município possui uma maior variedade de itens, uma vez que a cesta oficial possui apenas 13 produtos, e a cesta da cidade possui 74 itens que formam as necessidades básicas das famílias da região.

A pesquisa demonstrou que não se comprova as afirmações dos consumidores de ser o segmento de higiene e limpeza o mais caro da cesta. Verificou-se que o segmento de alimentos semi-industrializados custa mais sobre os demais; responsável pela maior porcentagem de gastos sobre o total da cesta de consumo.

Acredita-se que esse comportamento ocorre em virtude do segmento de alimentos semi-industrializados possuir na sua lista produtos como carnes, leite e derivados entre outros itens que a região possui alto consumo, comparando-se com outros locais.

Todos os meses, após a realização da pesquisa de gôndola, foi contabilizado o custo da cesta de consumo e produzido uma matéria para divulgação nos meios de comunicação de circulação regional. Esses artigos formaram um referencial dos parâmetros alimentares e do custo dos itens básicos necessários para suprir as necessidades das famílias residentes nas cidades referidas. A partir de então, as comunidades externa e interna da universidade conheceram e aprofundaram o conhecimento em relação aos produtos que são adquiridos mensalmente, a fim de satisfazer as necessidades básicas.

A comunidade envolveu-se na pesquisa, sendo favorecida com os dados que serviram para demonstrar como se comportam os preços dos produtos em determinadas épocas. Dessa forma, as pessoas passaram a dedicar mais atenção, observando, criteriosamente, os produtos e sua disposição nas gôndolas dos supermercados.

Ao final da pesquisa, foi elaborado um relatório com as análises e os preços dos produtos em cada supermercado para o Procon de São Miguel do Oeste; assim, adquiriu-se maior conhecimento dos dados da pesquisa e, se necessário, realizar algumas atitudes referentes aos preços dos produtos exercidos nos supermercados.

A pesquisa foi de grande importância para o crescimento educacional dos pesquisadores que apri-

moraram conhecimentos quanto aos hábitos de consumo da região e sobre alguns fatores econômicos. Sobretudo, muitas observações que não necessitam ser descritas foram analisadas, auxiliando no desenvolvimento educacional e na disseminação de algumas questões relevantes à área de pesquisa.

Para os pesquisadores, mais importante que as descobertas que tiveram foi, sem dúvida, o desenvolvimento do hábito de gerar conhecimento por meio da pesquisa. Acredita-se que, para uma sociedade evoluir, é necessário ter conhecimento e qual conhecimento é gerado pela pesquisa.

### *Behavior of the consumers and of the prices of the basic basket*

#### *Abstract*

*The research about the consumers' behavior and of the prices of the basic basket it is developed by teacher Leandro Tiago Sperotto and for academic Marielli Teixeira and Rosimara Zanella of UNOESC, and it accompanied in the period of May to December of 2006, the alimentary habits of the resident families in the municipal districts above mentioned. The first stage of the research consisted of the application of a form for 100 urban families of middle class, with 4 integral, with the intention of identifying the consumption habits. With the data of the amounts and varieties of consumed products, a table of items was generally structured consumed. With this table, periodically was visited supermarkets where the gondola researches were accomplished with rising of practiced prices, that periodically culminated, in the total cost of the consumption basket (or basic basket). During the period of the research the cost of the basket oscillated not very and it permeated among R\$ 600,00, being approximately 50% of the income of the researched families. A lot of considerations could be discussed by the researchers, which conclude that each area can build its own basic basket, it specifies in agreement with the inhabitants' of the place habits. Besides, they maintained contact with researchers of another Universities in order to change information the about of the theme, with that, they formed a net of contacts which you/they denominated Net of Basic Baskets. The research was of regional interest, because it contributed to the community's educational-financial development that accompanied periodically the research by means of the popularization in to radio and newspaper.*

*Keywords: Habits of consumption. Basic basket. Microeconomics.*

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. de H. **Ensaio sobre inflação e indexação**. Rio de Janeiro: FGV, 1987.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Dieese**. 2005. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br>>. Acesso em: 23 set. 2005.

FUNDAÇÃO DE PROTEÇÃO E DEFESA DO CONSUMIDOR. **Procon**. 2005. Disponível em: <<http://www.procon.sp.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2005.

INSTITUTO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E ASSESSORIA EM POLÍTICAS SOCIAIS. **Pólis**. 2005. Disponível em: <<http://www.polis.org.br>>. Acesso em: 12 nov. 2005.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO EM ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA. **Icepa**. 2006. Disponível em: <<http://www.icepa.com.br>>. Acesso em: 26 mar. 2006.

KASMIER, Leonard J. **Estatística Aplicada à Economia e Administração**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

KIRSTEN, J. T. **Custo de Vida**: metodologia de cálculo, problemas e aplicações. São Paulo: Pioneira, 1985.

MALUF, R. S. J. **Consumo de alimentos no Brasil**: traços gerais e ações públicas locais de segurança alimentar. Instituto Pólis, 2000.

PINDYCK, Robert. **Microeconomia**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

SANDRONI, Paulo. **Novíssimo Dicionário de Economia**. 10. ed. São Paulo: Best Sellers, 2002.